



## Diário de guerra

**Lúcia Barnea\***

Raanana, Israel

luciabarnea@hotmail.com

Sentadas na grama. Somados os anos, não chegavam à minha meia-idade.

Céu azul de aquarela, vento segredando na pele a proximidade da primavera. Mais adiante, estava a cerca, as casas, a alameda.

Três meninas, de costas para o mundo, de frente para mim, que assistia à rua, morta de gente.

Falávamos de livros, de teatro, sonhadoras de dias de paz, que nos permitissem respirar o tédio de uma manhã sem alarmes.

Aos poucos, depois mais, o branco povoava, além do gradil, a procissão de bandeiras azul e branco, à espera do cortejo. Um tanto mais altos que mais baixos, passos curvados, calados, sem expressão. Derrotados, sós, sem ritmo, reféns de seu fardo, desovando à rua principal.

A inocência das três meninas teimava em sorrir, saltar, bailar, elaborar uma ação para a biblioteca que envolvesse a todos – crianças ensinando crianças de diversas idades. Como se não houvesse o além-da-cerca e o presente não batesse à porta com as notícias do dia, como se o sete de outubro existisse apenas em algum universo paralelo. Seus nove anos testemunhavam guerra, dor, perda, temor. Mas queriam viver, exercer o seu direito à infância.

Meses a cronometrar o minuto e meio, ao soar o alarme, para alcançar o abrigo antimíssil e introduzir, ordenadamente, cerca de 400 crianças; a recepcionar alunos novos refugiados das fronteiras norte e sul do país; a acompanhar filhos de soldados reservistas em ação no front; a criar condições para uma rotina de aprendizagem improvável. Noites mal dormidas, vidas ceifadas, famílias desarraigadas, projetos engavetados, sonhos extirpados, colheitas incineradas, agricultura abandonada, cidades-fantasma, sirenes a toda hora do dia e da noite, pânico, tristeza, violência, mortos, feridos, órfãos de pais, avós, irmãos, filhos e netos – de todas as idades. Não há, em todo o universo de todas as línguas, palavras que bastem para percorrer os sulcos de expressão de um pai diante do cadáver de seu filho; dos labirintos de temor de uma mãe, mulher, filha, avó, namorada, amiga... ao se despedir de seu soldado, face ao dever de cumprir com seu destino. Tempos de guerra.

---

\* Antropóloga social e escritora.



Holocausto, pogrom, chacina, violência, corpos mutilados, amputados, assassinados, esquartejados, não identificados, sequestrados, reféns, inseguros, angustiados, tristes, ansiosos, desesperançosos, traumatizados, sofredores, vítimas de transtorno de estresse pós-traumático... fragmentos de um léxico inaugurado em outubro.

Como se do nada surgissem passos chorosos, amigos, conhecidos e não, parentes, curiosos, empenhados em oferecer seu quinhão em homenagem ao soldado da Cidade recém-tombado, compartilhando silêncio e dor. Mas minhas alunas não sabiam, absortas pela nesga de criatividade literária que singrava as copas das árvores e esparramava alegria anil ao céu.

Era eu quem chorava o soldado que conheci sorrindo, sobre quem perguntava, semanalmente, à mãe, que por meses batalhou e me protegeu a mim e a minha família, e que agora percorria seu caminho inerte, seguido de centenas de cidadãos que agora conheceriam sua bravura. Mais além do perímetro da escola, onde a vida castigava a população com o diário da guerra. Era eu quem sorria, burlando a leveza pueril das minhas três meninas, no pátio interno, na escola.

----

Enviado em: 07/03/2024

Aprovado em: 25/03/2024